

**ODAIR JOSÉ: “MÚSICA BREGA”, CENSURA E POLITIZAÇÃO POPULAR  
NA DÉCADA DE 1970.**

EDER APARECIDO FERREIRA SEDANO<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

E-mail: ederapfer@hotmail.com

O cantor e compositor Odair José (Odair José de Araújo) nasceu na cidade de Morrinhos, Goiás, em 16 de agosto de 1948. Apaixonado por música iniciou o aprendizado de violão ainda na infância. Na adolescência tocou música caipira, depois montou uma banda de rock e atuou como *crooner*<sup>2</sup>. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1968, buscando consolidar sua carreira musical, tocou em circos, bares e prostíbulos, até ser apresentado a Rossini Pinto, que desempenhava a atividade de produtor musical e, ao perceber seu potencial, o levou para a gravadora CBS. Sua primeira gravação foi a canção “Minhas Coisas”<sup>3</sup>, composição de Rossini Pinto, lançada no LP “As 14 Mais”, principal produto fonográfico da CBS. Seus primeiros sucessos tiveram inspiração no country norte-americano, no *rock and roll* inglês e norte-americano e na Jovem Guarda. (CAVALCANTI. 2015, p.3)

No ano de 1972, Odair gravou a canção “Vou tirar você deste lugar”<sup>4</sup>, considerada uma das mais tocadas na história do rádio brasileiro. Seguindo o modelo de sucesso, o disco no qual estava inserida (com o mesmo título, “Vou tirar você deste lugar”) se manteve entre os mais vendidos do país, com mais de 800 mil cópias comercializadas. (Ibidem, p.114) Na canção homônima, o personagem-narrador diz a uma prostituta, pela qual se apaixonou que irá tirá-la do prostíbulo e assumir uma relação amorosa com ela, mesmo enfrentando as críticas de familiares e amigos:

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós- Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista do programa CAPES. Orientadora: Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

<sup>2</sup> Nome usado para designar um cantor que canta todos ou vários gêneros musicais e, via de regra, dá preferência para sucessos da atualidade. Geralmente são contratados para animar festas de aniversário, baladas, entre outros eventos populares (FERREIRA, 1993, p.85).

<sup>3</sup> Rossini Pinto (Comp.). **Minhas Coisas**. LP “As 14 Mais”, Artistas Diversos. Lado 2, Faixa 11. CBS, 1970.

<sup>4</sup> Odair José (Comp.). **Vou tirar você desse lugar**. LP “Vou tirar você desse lugar”. Compacto simples. CBS, 1972.

Olha...  
A primeira vez que eu estive aqui  
Foi só para me distrair  
Eu vim em busca do amor  
Olha...  
Foi então que eu lhe conheci  
Naquela noite fria  
Em seus braços meus problemas esqueci

Olha...  
A segunda vez que eu estive aqui  
Já não foi pra distrair  
Eu senti saudade de você

Olha...  
Eu precisei do seu carinho  
Eu me sentia tão sozinho  
Que já não podia mais te esquecer

Eu vou tirar você deste lugar  
Eu vou levar você pra ficar comigo  
E não interessa o que os outros vão pensar (2x)

Eu sei...  
Que você tem medo de não dar certo  
Pensa que o passado vai estar sempre perto  
E que um dia eu possa me arrepender  
Eu quero...  
Que você não pense em nada triste  
Pois quando o amor existe  
Não existe tempo pra sofrer

Eu vou tirar você deste lugar  
Eu vou levar você pra ficar comigo  
E não interessa o que os outros vão pensar<sup>5</sup>

O tema das “mulheres da noite” foi abordado por compositores como Noel Rosa (no samba “A dama do cabaré”, de 1936), Lupicínio Rodrigues (“Castigo”, “Quem há de dizer”, de 1948), Wilson Batista e Jorge Castro (no bolero “Dolores Sierra”, de 1956), entre outros que tiveram a coragem de expor um assunto tão polêmico. A canção “Eu vou tirar você deste lugar”, lançada por Odair José em 1972, possui a mesma linha

---

<sup>5</sup> Odair José (Comp.). **Vou tirar você desse lugar**. LP “Vou tirar você desse lugar”. Compacto simples. CBS, 1972.

temática, mas com um diferencial: trata de prostituição de forma explícita. (ARAÚJO, 2015, p.151)

Os músicos conhecidos como “bregas” ou “cafonas” foram os que mais exploraram a temática da prostituição, isso se deve, entre outras coisas, à proximidade com o cotidiano da noite (a maior parte dos cantores bregas iniciou a carreira cantando em boates e prostíbulos). Cabe lembrar os exemplos de Waldick Soriano (que se apaixonou por uma prostituta de Belém do Pará) e Nelson Ned (que se envolveu com uma garota de programa e para ela compôs a canção “Quando eu estiver chorando”). (ASSUNÇÃO; BONFIM, 2011, p.7)

Além da prostituição, Odair abordou outras temáticas em seu repertório, tendo predominância as canções de cunho romântico, em que tratou de relacionamentos amorosos, da sexualidade, do abandono de pessoas amadas, de infidelidade e amores não correspondidos. A forte presença do romantismo em sua obra deve-se também à influência de alguns gêneros musicais (como o samba-canção e o bolero) que ouvia no rádio quando ainda morava em Goiás (estado de origem) em sua infância e juventude. (CAVALCANTI.2015, p.28)

Na década de 1970, Odair dividiu o público romântico com outros artistas, entre eles os remanescentes da Jovem Guarda (dos quais assimilou muitos traços, sobretudo no início da carreira), nomes como os de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Jerry Adriani, entre outros, excluíram os traços juvenis iniciais de suas obras, voltando-se para temas românticos.

Nesse momento, seguindo a linha romântica, também se destacavam os cantores bregas ou cafonas, entre os quais Odair foi associado. Os nomes com maior evidência neste segmento eram Waldick Soriano, Agnaldo Timóteo, Paulo Sérgio, Nelson Ned e Lindomar Castilho. Como Odair, eles alcançaram sucesso e caíram no gosto popular, embora fossem rejeitados por outros setores sociais. Assim, o sucesso deles não foi acompanhado pelo prestígio social, já que os críticos e parte do público classificavam essa produção como “cafona”, devido às letras simplórias e aos clichês melodramáticos. Apesar da proximidade entre o seu repertório e o dos músicos bregas, Odair não se

considerava pertencente a esse grupo, como também não aceitava ser chamado de cantor romântico.

O goiano Odair José não gosta, nem admite ser enquadrado na categoria de cantor brega. Tampouco considera que canções como *Uma Vida* (Pare de tomar a pílula), ou *Eu vou tirar você deste lugar* sejam bregas: “As pessoas não conhecem o Odair José, que não agrada aos conservadores. Eles vão a um show do Odair José achando que vão ver uma cópia do Roberto Carlos, ou anunciam que eu sou cantor brega. Eu sou o pior cantor brega do país, porque o que eu menos faço no show é aquilo que o cara que vai ver o show de brega quer ver. Eu digo aos contratantes que não me levem pra esses projetos, porque vão quebrar a cara”. (TELES, 2016)

Para Odair, o termo “brega” é preconceituoso, utilizado erroneamente na tentativa de enquadrar em um mesmo estilo gêneros e artistas diferentes. Em sua opinião, essa generalização tenta desqualificar o alto número de discos vendidos por esses músicos. Seguindo a linha de raciocínio de Odair, o pesquisador musical Samuel Araújo explica que artistas diferenciados musicalmente foram forçosamente aglutinados na categoria definida como “brega”, e sob seus trabalhos foi imputado um juízo de valor negativo:

[...] tal diversidade era costurada, por assim dizer, por procedimentos musicais a que dificilmente poderíamos atribuir uma origem mais precisa. [...] brega aparecia como uma forma de juízo negativo vigente em uma formação social específica, a brasileira. Inviabilizava uma operação taxonômica ou uma análise musical tradicional, pois cada termo era ambíguo, o mesmo podendo dizer-se da maioria dos elementos musicais. Seus limites eram portanto impalpáveis, bastando haver uma diferenciação real ou imaginária entre o enunciador e um objeto qualquer para que a designação pudesse ser aplicada [...] Apesar de ser gerada nos grandes centros urbanos e interagir com diversas tradições locais, isso ocorria (e continua a ocorrer) num momento em que era frequentemente problemático determinar-se o que é “típico” ou “característico” em quaisquer tradições, devido ao constante influxo de música comercial por elas absorvido. Em suma impunha-se enfatizar as relações subordinativas entre o centro e periferia ao invés de uma dicotomia cultural ou comportamental idealizada pelo observador. (ARAÚJO, 1999)

No ano de 1972 o sucesso de Odair foi tão grande que além de “Eu vou tirar você deste lugar”, ele acabou lançando outro LP (que também alcançou alta vendagem). Canções como “Essa noite você vai ter que ser minha”<sup>6</sup>, “Pense pelo menos em nossos

---

<sup>6</sup> José Pereira Junior, Pisca (Comp.). **Essa noite você vai ter que ser minha**. LP “Assim sou eu...”, Odair José. Lado 1, Faixa 1. Polydor, 1972.

filhos”<sup>7</sup> e “Cristo quem é você”<sup>8</sup>, compuseram o disco “Assim sou eu”<sup>9</sup>, recorde de vendas (vendeu mais de um milhão de cópias) e de difusão radiofônica. Já no ano de 1973, Odair lançou o LP “Odair José”<sup>10</sup>, outro sucesso que, além da grande vendagem, se manteve entre os mais tocados do rádio<sup>11</sup>, com destaque para a canção “Uma vida só”<sup>12</sup>, que ficou famosa pelo refrão “Pare de tomar a pílula”, e gerou grande polêmica por ter sido lançada no momento em que o governo militar propagava campanhas de utilização da pílula anticoncepcional, visando implantar no país um projeto para o controle de natalidade.

Em toda a década de 1970, Odair se tornou um fenômeno artístico, angariou enorme popularidade, tornando-se um dos maiores vendedores de discos, chegando à conta dos milhões de exemplares, passando a ser conhecido como “cantor da pílula”, “Bob Dylan da Central do Brasil”<sup>13</sup>, “terror e rei das empregadas domésticas”. Apesar do sucesso comercial, da mesma forma que os outros músicos bregas, Odair teve sua obra discriminada, tida como a despolitizada e alienante. Mas, ao contrário do que foi apontado, além dos temas românticos, esses artistas trataram de questões políticas e sociais como leis trabalhistas, desigualdades, fé, religião e temas considerados imorais (como prostituição, aborto, homossexualismo, relações fora do casamento, divórcio, sexo, drogas, entre outros). Por tratar desses assuntos, também foram perseguidos e censurados, o que é ignorado por boa parte dos pesquisadores e historiadores do período. (CAVALCANTI. 2015, p.57-58)

---

<sup>7</sup> Odair José, Paulo Sette (Comp.). **Pense pelo menos em nossos filhos**. LP “Assim sou eu...”, Odair José. Lado 2, Faixa 9. Polydor, 1972.

<sup>8</sup> Odair José, Silva Santos (Comp.). **Cristo quem é você**. LP “Assim sou eu...”, Odair José. Lado 2, Faixa 13. Polydor, 1972.

<sup>9</sup> LP “Assim sou eu...”, Odair José. Polydor, 1972.

<sup>10</sup> LP “Odair José”, Odair José. CBS, 1973.

<sup>11</sup> SOM DO RÁDIO. **Seleção das músicas mais tocadas em 1973**. s/d. Site baseado em pesquisas sobre as músicas mais tocadas pelas rádios de FM em cada ano. Disponível em: <<https://www.somdoradio.com/2011/01/selecao-das-mais-tocadas-em-1973.html>>. Acesso em: 12/08/2018.

<sup>12</sup> Odair José, Ana Maria (Comp.). **Uma vida só (Pare de tomar a pílula)**. LP “Odair José”, Odair José. Lado 1, Faixa 6. Polydor, 1973.

<sup>13</sup> Odair José foi comparado ao compositor, cantor, pintor e ator norte-americano Bob Dylan, por mesclar canções românticas com canções de protesto que questionavam o status quo. Além disso, assim como Bob, Odair utilizava o cotidiano popular como uma das principais temáticas do seu repertório.

Controle e repressão foram práticas difundidas durante os governos militares, sobretudo a partir da instauração do AI-5, quando, além do acirramento repressivo às esquerdas, os censores atuaram no meio artístico, que passou a ser dividido em quem estava “a favor ou contra o regime militar”. Quem era contrário, associava-se às ações de contestação do regime e aos grupos de esquerda; já os artistas considerados favoráveis ao governo produziam uma arte ufanista-nacionalista<sup>14</sup> e, além de descrever as belezas naturais do país, difundiam preceitos de amor pátrio, ordem, disciplina e trabalho, além de exaltar os ditos avanços econômicos. Os artistas que buscavam não se envolver com política foram taxados de apoiadores do governo militar. (Ibidem, p.35)

A maior parte dos artistas que participaram dos festivais de música promovidos pelas redes de TV Record, Excelsior e TV Rio (nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo, Geraldo Vandré, entre outros) incluíram elementos de contestação política e social em suas canções (algumas vezes de forma metafórica ou velada). Mas não possuíam homogeneidade entre si, ao contrário do que se espalhou popularmente, a dita MPB incorporava estilos musicais diversificados, que erroneamente foram enquadrados em um mesmo grupo, o qual passou a ser associado a uma música requintada, de qualidade e engajada. (ARAÚJO, 2015, p.32-33)

Neste momento, outros gêneros musicais fora do círculo da MPB perderam terreno, entre eles o baião, o forró e o samba, que teve sua difusão restrita aos morros e comunidades cariocas. Já os cantores conhecidos como “as grandes vozes do rádio”<sup>15</sup> foram deixados de lado pela falta de compromisso social, alguns deles eram considerados favoráveis ao regime militar e promotores de alienação. Roberto Carlos (maior vendedor de discos da década de 1960), aclamado como “o rei da música popular brasileira”, foi rotulado como “apoiador do regime militar”, ideia reforçada a

---

<sup>14</sup> Um exemplo de adesão às músicas ufanista-nacionalistas é a dupla Tom e Ravel, que foi grande sucesso com a canção “Eu te amo, meu Brasil” (1970), também o cantor Wilson Simonal teve diversas canções no gênero, como “País Tropical” (1969), “Brasil, eu fico” (1970), “Que cada um cumpra com o seu dever” (1970), “Resposta” (1970), “País do Futebol” (1970) e “Obrigado Pelé” (1971). (CHAVES, 2010, p.293-298) Sobre a arte ufanista-nacionalista nos governos militares, ver também: (VELOSO, 1997); (FAVARETTO, 2000); (NAPOLITANO, 2001); (PINHEIRO, 2009).

<sup>15</sup> Entre eles podemos citar Francisco Alves, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, Silvio Caldas, Jorge Goulart.

partir da gravação da canção “Quero que tudo vá para o inferno” (1969). Para certos críticos, essa letra expressava ideias alienantes que ignoravam a situação política do país, não demonstrando preocupação com as ações repressivas que ocorriam naquele momento. (NAPOLITANO, 2004, p.68)

As principais ações dos censores recaíam sobre os artistas considerados engajados, mas outros tidos como não politizados, como era o caso dos músicos bregas e de Odair, também foram atingidos, enfrentando as acusações de incitarem ações imorais, atos levianos, perversos, transgressores da moral, dos bons costumes e dos valores familiares (apontados como mantenedores da ordem social brasileira).<sup>16</sup>

Na década de 1970, Odair José estava com a popularidade em alta, vendia milhares de discos que continham canções com temáticas polêmicas, por isso acabou despertando a atenção de redutos conservadores da sociedade, da Igreja e dos governos militares. Por suas características ameaçadoras, Odair passou a ser perseguido pelos órgãos censores, tornando-se um dos artistas mais censurados do momento. Entre as várias canções que foram censuradas destaca-se “Noites de desejo”<sup>17</sup>, composta inicialmente com o título “A primeira noite de um homem”. Ela foi considerada imoral, os censores se justificaram afirmando que a composição incitava a juventude à prática do sexo livre fora do casamento, sem o objetivo da formação familiar. Alguns meses depois da proibição, o título e alguns trechos foram alterados e a canção foi liberada. (CAVALCANTI. 2015, p.88-89)

Além de “Noites de desejo”, entre as canções censuradas do repertório de Odair pode-se citar “Uma vida só (Pare de tomar a pílula)”<sup>18</sup>. Com enfoque cotidiano, essa obra retratava o acalorado debate que envolvia a sociedade brasileira sobre a pílula anticoncepcional. Setores conservadores combatiam o uso por crenças religiosas e possíveis danos do medicamento; do lado oposto, faziam-se campanhas pelo seu uso, como estratégia para implantação do controle populacional. Os discos podiam ser

---

<sup>16</sup> Quase a totalidade das pesquisas acadêmicas sobre a repressão na música popular brasileira durante os governos militares restringe o objeto de pesquisa aos músicos de MPB, ignorando os representantes de outros gêneros musicais, como os músicos bregas. (ARAÚJO, 2015, p.240-248); (SILVA, 2007, p.169).

<sup>17</sup> Odair José (Comp.). **Noite de desejos**. LP “Lembranças”, Odair José. Lado 1, Faixa 2. Polydor, 1974.

<sup>18</sup> Odair José, Ana Maria (Comp.). **Uma vida só (Pare de tomar a pílula)**. LP “Odair José”, Odair José. Lado 1, Faixa 6. Polydor, 1973.

comprados, mas a canção foi proibida pelos órgãos censores de ser tocada nas redes de rádio, TV e em locais públicos. (Ibidem, p.100-104)

Já a canção “Amantes”<sup>19</sup> foi censurada em 1974, por apresentar em sua letra a fala de um homem disposto a “matar seu desejo com sua amante”. Segundo os censores, a canção foi vetada por expor e estimular a relação extraconjugal, ferindo os princípios morais, os bons costumes e ameaçando a instituição do casamento. Odair repetiu o tema das relações extraconjugais em diversas canções, nelas os protagonistas eram mulheres e homens casados, os cenários, motéis e prostíbulos e como enredo apresentavam relações entre amantes ou no ambiente de trabalho, como em “Amor de secretária”<sup>20</sup>, que relata um relacionamento extraconjugal entre o chefe e sua secretária.

Fora as canções que em princípio foram censuradas e depois liberadas, Odair gravou outras que foram proibidas permanentemente, como “Em qualquer lugar”<sup>21</sup>, que em 1973 foi barrada e, mesmo com a ação jurídica da gravadora, não foi liberada, por descrever relações sexuais realizadas em qualquer local (no chuveiro, na praça, no carro etc.). Os censores alegaram que ela instigava a prática sexual sem pudor em ambientes públicos. (CAVALCANTI. 2015, p.108)

Além da repressão da censura, Odair também sofria críticas e perseguições da mídia e de instituições conservadoras. Temas como a defesa do divórcio e a banalização do casamento, em que algumas de suas canções estavam pautadas, eram os que mais motivavam as perseguições. Segundo esses críticos, suas canções ameaçavam os parâmetros tradicionais do casamento como instituição de formação da família, a fidelidade conjugal e o “amor eterno”. (DEL PRIORE, 2001) Cabe lembrar que nesse mesmo contexto polêmico foram iniciados calorosos debates que resultaram na legalização do divórcio<sup>22</sup> em 1977, antes disso as pessoas que se separavam através do

---

<sup>19</sup> Odair José, Gil (Comp.). **Amantes**. LP “Lembranças”, Odair José. Lado 1, Faixa 2. Polydor, 1974.

<sup>20</sup> Odair José, Rubenito (Comp.). **Amor de secretária**. LP “Odair José”, Odair José. Lado 2, Faixa 8. Jangada/EMI-Odeon, 1985.

<sup>21</sup> Odair José (Comp.). **Em qualquer lugar**. LP “Odair José, Odair José. Lado 2, Faixa 13. Polydor, 1973.

<sup>22</sup> A legalização do divórcio no Brasil foi aprovada em 1977 pela Câmara dos Deputados, antes disso as pessoas que se separavam só podiam se desquitarem e não tinham a possibilidade de se casar de novo via meios legais ou religiosos, por isso tinham que recorrer a relacionamentos não oficializados como o amásio. (BERQUÓ, 1998, p.410-438).



“desquite” não podiam se casar novamente de forma legalizada, tendo de manter relacionamentos não oficializados pela justiça. (BERQUÓ, 1998, p.410-438)

Por mais que a prática do amásio fosse criticada e desqualificada socialmente, ela cresceu no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, sobretudo a partir das mudanças comportamentais e da difusão de novos comportamentos ligados a movimentos como os feministas, os hippies e os de jovens. Como sujeito do seu tempo, Odair percebeu essas mudanças latentes, como havia percebido as polêmicas em torno do divórcio. Algumas canções de Odair expuseram o cotidiano de casais que já não se amavam e continuavam juntos para evitar pressões sociais. Em “Na minha opinião”<sup>23</sup>, o compositor (Odair) descreve a relação apaixonada de um homem que propõe à mulher amada que se amasie com ele. Para justificar seu pedido, afirmava que muitos cônjuges casados oficialmente não se amavam e continuavam juntos para manter a aparência.

Em outra canção, voltada para a relativização do casamento legal, “Vou morar com ela”<sup>24</sup>, o personagem propõe à namorada que se amasiem para ficarem mais tempo juntos. Um ano após a legalização do divórcio (1978), Odair lançou uma canção com o título “O Divórcio”<sup>25</sup>, que, por exigência dos censores, teve seu título trocado para “Agora sou livre”. Nela o personagem diz à mulher amada (divorciada, como ele) que enfim eles poderiam se casar novamente por vias legais.

As temáticas apresentadas até agora geraram debates sociais, críticas e censuras sobre Odair e sua obra, mas deve-se destacar que as canções do seu repertório que poderiam ter gerado maior rejeição entre os setores conservadores (e curiosamente não geraram) foram “Forma de sentir” e “A Viagem”. Em “Forma de Sentir”<sup>26</sup>, gravada em 1978, Odair inseriu a temática da homossexualidade, defendendo o relacionamento entre pessoas do mesmo gênero. Já em “Viagem”<sup>27</sup>, de 1975, defendeu o uso da

---

<sup>23</sup> Odair José, Maxine (Comp.). **Na minha opinião**. LP “Odair”, Odair José. Lado 2, Faixa 12. Polydor, 1975.

<sup>24</sup> Odair José, Rossini Pinto (Comp.). **Vou morar com ela**. LP “As 14 Mais, Vol. XXV”, Odair José. Lado 2, Faixa 13. CBS, 1971.

<sup>25</sup> Odair José, Maxine (Comp.). **Agora sou livre** (O Divórcio). LP “Coisas simples”, Odair José. Lado 1, Faixa 6. RCA Victor, 1978.

<sup>26</sup> José Messias, Donizete (Comp.). **Forma de sentir**. LP “Coisas simples”, Odair José. Lado 2, Faixa 7. RCA Victor, 1978.

<sup>27</sup> Odair José (Comp.). **Viagem**. LP “Odair”, Odair José. Lado 1, Faixa 3. Polydor, 1975.

maconha, narrando “a viagem” que proporcionava (CIDREIRA, 2008, p.36). Por utilizar-se de um tipo de linguagem metafórica, Odair confundiu os sensores e o público conservador, tendo conseguido gravar e cantar essas canções sem sofrer com a repressão.

Ainda sobre questões sociais, na canção “Deixa essa vergonha de lado”<sup>28</sup>, Odair narrou o diálogo entre um casal de namorados, no qual o rapaz descobre que a moça trabalha como empregada doméstica e declara que ela não deveria ter vergonha de sua profissão, garantindo que isso não iria modificar o seu amor. Astuciosamente, por de trás da questão amorosa o compositor trata de um assunto polêmico à época, a regularização da atividade de empregada doméstica, que, além do preconceito e da desvalorização, não era reconhecida como profissão, não tendo sido incluída na CLT<sup>29</sup>, o que ocorreu só no ano de 1974. Levanta-se a hipótese de que a intenção de Odair José era fazer pressão para a regulamentação da profissão. (CAVALCANTI. 2015, p.71)

Com essa canção, Odair atingiu o primeiro lugar de audiência nas rádios brasileiras, contando com um público concentrado nos setores populares, com muitas empregadas domésticas, por isso passou a ser conhecido como “o terror das empregadas”, apelido que rejeitava, afirmando compor para todos os tipos de pessoas e profissionais.

Apesar das censuras, pressões e críticas sofridas, Odair não esmoreceu. O lançamento do seu LP “O Filho de José e Maria”<sup>30</sup> levou ao rompimento com a gravadora Phonogram (Polydor), que não concordou com as temáticas abordadas nas canções que compunham o álbum. O que mais incomodou a gravadora foram os personagens das canções, Jesus, José e Maria (nomes santificados no cristianismo), interpretados em condição mundana e pecaminosa. Em uma das composições, com o

---

<sup>28</sup> Odair José, Andréia Teixeira (Comp.). **Deixe essa vergonha de lado**. LP “Odair José”, Odair José. Lado 1, Faixa 1. Polydor, 1973.

<sup>29</sup> A sigla CLT representa a Consolidação das Leis do Trabalho, instituída por Getúlio Vargas em 1º de maio de 1943, durante o Estado Novo.

<sup>30</sup> LP “O Filho de José e Maria”, Odair José. RCA Victor, 1977.

mesmo nome do LP, “O Filho de José e Maria”<sup>31</sup>, Jesus é descrito como um jovem rebelde, com problemas comportamentais ocasionados pela separação dos pais (representando a condição de muitas famílias contemporâneas da gravação).<sup>32</sup>

Os diretores da Polydor sugeriram a Odair que continuasse a gravar crônicas românticas e evitasse assuntos polêmicos, que poderiam ocasionar censuras e desgastes. Odair rejeitou as sugestões, rompeu com a Polydor e assinou contrato com a gravadora RCA. No mesmo ano de 1977, Odair promoveu o LP com um show no formato de Ópera Rock, tocando nas principais casas de espetáculo do país. A recepção, no entanto, foi negativa, sendo massacrado pelos críticos musicais e setores conservadores, além de ameaçado de excomunhão pela Igreja Católica.

Odair explicou as motivações do LP:

**UOL:** O disco “O Filho de José e Maria” é um importante rompimento na sua carreira. Foi também um esforço em dar um basta na pecha de cantor brega e romântico?

**Odair José:** Na verdade, quando o projeto surgiu em 1976, não pensei em dar um basta em nada. Sempre tive muita paixão por músicos, tento ser um, mas não sou virtuoso. Naquela época eu estava lendo o livro do Kalil Gibran, “O Profeta”, e acreditava em uma proposta musical que estourava no mundo inteiro, com Peter Frampton. Eu queria ser esse cara com a guitarra no pescoço, tocando com uma banda. Eu queria falar de algumas dúvidas minhas sobre a religião, não a religiosidade, mas sim a forma que a religião contava as coisas, que pra mim não batia, como não bate até hoje. Então eu fiz músicas interligadas que contam a história de uma pessoa. Cada música é um momento da vida do cara, tem o casamento, o filho abandonado, a tentativa de se achar. Mas as pessoas ficaram com pé atrás. (DIAS, 2014)

Além do baixo número de discos vendidos, Odair passou a ser rejeitado pelos canais de difusão midiática, tentando recuperar o prestígio, Odair retomou o repertório de canções românticas, deixando de lado os temas polêmicos e a veia contestadora, abrindo mão da liberdade de criação. (CAVALCANTI, 2015, p.121)

---

<sup>31</sup> Odair José (Comp.). **O Filho de José e Maria**. LP “O Filho de José e Maria”, Odair José. Lado 2, Faixa 7. RCA Victor, 1977.

<sup>32</sup> Deve-se notar que depois de instaurado o AI5, em 1968, a população teve tolhida, entre outros direitos, a liberdade de expressão. Mesmo perseguidas, as militantes feministas continuaram se reunindo, discutindo e reivindicando direitos. Por outro lado, produções ficcionais, como a série “Malu Mulher” da Rede Globo de Televisão (1979-1980), questionavam visões conservadoras e preconceituosas da vida de uma mulher divorciada, abordando temas como o feminismo, tensões e violência conjugais, divórcio, filhos de pais separados. O seriado Malu Mulher teve altos índices de audiência (tendo sido vendido para 52 canais de televisão do mundo), sendo uma das mais polêmicas séries brasileiras. (DE SÁ, 2011, p.47-69).

Ao contrário do que ocorreu no momento do lançamento, atualmente esse disco é considerado *cult* (ALVES, 2016, p.11), sendo valorizado nos meios artísticos e intelectuais (quando encontrado, o disco chega a custar em torno de 500 reais).

Através da trajetória artística de Odair José percebe-se uma intensa disputa entre ele e o mercado fonográfico. Devido a origem humilde, ele aspirou ascender economicamente, para tanto seguiu a fórmula de sucesso particular ao contexto em que estava inserido. Com muito talento, fez canções sobre o povo e para o povo, que gerou grande identificação com as classes populares, que viam seu cotidiano narrado em suas crônicas musicais.

Mas não é porque seguiu os ditames da indústria cultural que Odair foi submisso a eles, em um processo de negociação cultural Odair conseguiu deixar sua marca. Não abriu mão de sua veia roqueira e expôs temas políticos e morais que ajudaram as massas a refletir e contrapor as propagandas ufanistas dos governos militares. Magistralmente também questionou a moral burguesa hipocritamente difundida (mas não seguida) pelas elites e setores médios brasileiros.

Seu modelo de negociação por muito tempo deu certo, sobretudo enquanto conteve sua veia radical conseguiu sobreviver em meio a censura dos governos militares, dos setores conservadores da Igreja e da sociedade. No momento em que avançou as barreiras e expôs seu radicalismo foi tolhido e engolido pelas engrenagens da Indústria Cultural. Corajosamente resistiu, e a partir de 2013, curiosamente no momento em que ressurgiu a censura cultural e hipocrisia moral no Brasil, Odair novamente oferece sua arte reflexiva e ampliadora de consciências para o público.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Clarice Greco. **TV Cult no Brasil: Memória e culto às ficções televisivas em tempos de mídias digitais.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), ECA/USP, São Paulo, 2016.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ARAÚJO, Samuel. Brega, samba e trabalho acústico: variações em torno de uma contribuição teórica à etnomusicologia. **Revista Opus** (ANPROM), v. 6, out. 1999. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/69>>. Acesso em: 10/07/2018.

ASSUNÇÃO, Ana Karolina Cavalcante; BONFIM, Sírnia Mapurunga. Vou tirar você desse patamar: temática social na canção de Odair José. **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** - Intercom. Maceió, 15 a 17 de junho de 2011, p.7. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0406-1.pdf>>. Acesso em: 05/04/2018.

BERQUÓ, Elza. “Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica”. In: NOVAIS, Fernando A. (Dir.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 4 - Contrastes da Intimidade Contemporânea. Organizado por Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.410- 438.

CABRERA, Antônio Carlos. **Almanaque da música brega**. São Paulo: Matrix, 2007.

CAVALCANTI, Ivan Luis Lima. “Ame, assumo e consumo”: canções, censura e crônicas sociais no Brasil de Odair José (1972- 1979). Dissertação (Mestrado em História), PPGH/ UFPB, João Pessoa, 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Renan Paiva. **País Tropical e seu mimetismo: o discurso ufanista associado a Wilson Simonal e a desinvenção tropicalista**. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis, v. 44, n. 2, out. 2010, p.293-298. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2010v44n2p293/20881>>. Acesso em: 11/07/2018.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda nos anos 60/70: comportamento, aparência e estilo**. Recôncavos. Cachoeira, v. 2, n. 1. 2008, p.36. Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n02/pdf/Renata.pdf>>. Acesso em: 14/08/2018.

DE SÁ, Cristiane Ferreira. **A Mulher na ordem do dia: estudo de temas em Malu Mulher (1979/80) e Mulher (1998/1999)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo), FFCH/UFBA, Salvador, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Corpos e Emoções: história, gênero e sensibilidades**. São Paulo: e-Manuscrito, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. “Os Festivais da canção como oposição ao regime militar brasileiro”. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Orgs.). **O Golpe e a Ditadura Militar: 40 anos depois 1964-2004**. São Paulo: EDUSC, 2004, p.68.

PINHEIRO, A. **Simonal, em si... maior**. Revista Raça Brasil. São Paulo, ed. 133, 6 jul. 2009.

RIDENTI, Marcelo S. **Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política**. São Paulo: Editora UNIESP, 2010.

SEDANO, Eder A. F. **Bezerra da Silva: música, malandragem e resistência nos morros e subúrbios cariocas**. São Paulo: eManuscrito, 2018.

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória: a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985)**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

VELOSO, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAVARETTO, C. F. **Tropicália: alegoria, alegria**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

#### FONTES JORNALISTICAS:

TELES, José. **Odair lança Gatos e Ratos, e recusa rótulo de brega**. Jornal do Commercio. Recife, 23 set. 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2016/10/23/odair-jose-lanca-gatos-e-ratos-e-recusa-rotulo-de-brega-257802.php>>. Acesso em: 14/05/2018.

DIAS, Tiago. **Odair José se redescobre em novo público: “Quero os doidões ao meu lado”**. Entretenimento-Música, UOL. São Paulo, 13 jul. 2014. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/13/odair-jose-se-redescobre-em-novo-publico-quero-os-doidoes-ao-meu-lado.htm>>. Acesso em: 10/07/2018.